VI SEMANA DE INTEGRAÇÃO
DE 07 A 10 DE JUNHO
UNIVERSIDADE, FORMAÇÃO E CIDADANIA
XV SEMANA DE LETRAS | XVII SEMANA DE PEDAGOGIA | III SIMPÓSIO DE PESQUISA E EXTENSÃO
Câmpus Inhumas Universidade Estadual de Goiás FAPEG

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO DOCENTE TRANSDISCIPLINAR EM CONTEXTOS DE TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA

Regina CUNHA|[1] (UEG)
Jonathas Vilas Boas de SANT'ANA[2] (UEG)
João Henrique SUANNO[3](UEG)

GT1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo

O presente texto tem por finalidade discutir sobre formações docentes que intencionam aspectos formativos respaldados pelo pensamento Complexo (MORIN, 2003) e Transdisciplinar (NICOLESCU, 1999). Realizou-se exploração bibliográfica de cunho qualitativo (ANDRÉ e LÜDKE, 2004) entre estudiosos que movimentam pesquisas em torno dessa temática, como Moraes (2015), Suanno M.(2015), Santos(2001), entre outros, com o objetivo de buscar a compreensão da importância de um pensamento complexo e transdisciplinar e as questões inerentes à formação de professores sob a ótica das teorias apresentadas. Não buscamos afirmar essa proposta como uma formação verdadeira, mas como tentativa de propor caminhos que busquem diferentes sentidos respaldados por questionamentos e inquietações. Apontamos desafios que surgem na formação de um docente transdisciplinar e acreditamos que a realização dessa é possível, quando se encontra abertura no pensamento e flexibilidade teórica e prática para que ela seja efetiva.

Palavras-chave: Formação Docente. Transdisciplinaridade. Complexidade.

Introdução

Iniciamos essa reflexão com uma pergunta instigante feita pelo filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) “Quem educará os educadores?” em uma de suas teses sobre Feuerbach[4]. Lembrada pelo pensador francês Edgar Morin em seu livro ‘Ensinar a viver-manifesto para mudar a educação’, este autor busca responder essa pergunta, na medida em que aponta para um futuro na educação, que quem educará os educadores será os próprios, estimulados e

1 Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologia. Universidade Estadual de Goiás- UEG. E-mail:reginayn@hotmail.com

2 Mestrando do Programa Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia. Universidade Estadual de Goiás- UEG. E-mail:jonathasvilas@hotmail.com

3 Doutor em Educação, Phd. Universidade Estadual de Goiás- UEG
E-mail:suanno@uol.com

[4] 1 Ver: MARX, Karl. “Teses sobre Feuerbach” In: Os pensadores. p. 49-53.

ancorados por um pensamento complexo que induz à uma reforma no pensamento dominante-reducionista- e possivelmente o pensar complexo revigore e reencante o ensino- esse também, atualmente, simplificador.

Com base nas palavras de Morin (2015) buscamos pesquisar entre estudiosos que investigam em torno da docência transdisciplinar e suas repercussões, entre autores como Santos (2002), Moraes (2007; 2015) e M. Suanno (2015).

O pensamento moriniano entende o ensino como uma função e uma especialização, ou seja aquilo que trata da parte, sem conseguir apreender o todo. Percebemos na fala de Morin (2003) uma forma redutora de como tratamos o conhecimento. Esse caráter reducionista no ensino provoca, no fazer docente, uma função especialista na sua profissão. Esse autor denuncia que a educação deve buscar ultrapassar a barreira de uma função especialista e visionar um caráter cognitivo que enfrente as incertezas do conhecimento alinhado às interrogações planetárias, de tal forma que o conhecimento produzido permita responder às questões fundamentais referentes à ética, à cidadania, à solidariedade planetária e global do presente e do futuro.

As reflexões denunciadas por Morin (2000) partem do desencanto com a ciência racionalista que levou a uma especialização e fragmentação do conhecimento entre ciências físicas/ciências biológicas/ciências humanas". Esta fragmentação talvez tenha sido necessária, principalmente para o desenvolvimento tecnológico, a qual movimentou atitudes simplistas que tendem a disjunção entre o sujeito-objeto, o que resultou em uma miopia em relação aos problemas ontológicos fundamentais, relacionados à natureza humana: quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?"

Em prol dessas perguntas, a teoria da Complexidade desenvolvida por Morin apresenta em sua epistemologia, as diversas faces que compõem o humano e a importância de as considerarmos dignas de atenção. Postula o abandono de uma visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade (homo sapiens), técnica (homo faber), atividades utilitárias (homo economicus) e necessidades obrigatórias (homo prosaicus) para compreender a complexidade humana. Entende-se que "o ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas" (MORIN, 2000, p. 58).

Essas questões apontadas por Morin (2000) têm suma importância para área da

educação. Nós, docentes, não estamos isentos de questionarmo-nos nossa pertinência da ação educativa. As reflexões acerca do processo educacional, apresentam questionamentos, dúvidas sobre a validade ou não da prática pedagógica junto aos educandos. De fato é preciso questionar: qual o nosso contributo para a formação do corpo discente?

Podemos compreender essa questão, pautados pela teoria da Complexidade, (re)conhecendo o ser humano na sua forma integral, mesmo no que se refira a tentativas de aproximação desse conceito. Reconhecemos que se tratando da integralidade humana, é preciso considerá-lo como uma obra de si, incompleto, a fim de não estarmos passíveis de uma reflexão/ação fragmentada, uma vez que "o ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas" (MORIN, 2000, p. 58). Insta no pensamento moriniano as faces constitutivas do ser -antagonistas e complementares- como possibilidades de compreendermos as dimensões do humano ora esquecidas nas reflexões pedagógicas, superando as barreiras reducionistas.

Desvencilhar de processos reducionistas encarando a integralidade humana em uma visão multidimensional, começa pela reforma do pensamento como propõe Morin (2003), um pensar diferente para um alcance de outras possibilidades. Caminhos desafiadores que são movimentados por processos de rupturas metodológicas, ontológicas e epistemológicas, com percepções mais intersubjetivas, complexas e instáveis, referida por Morin (2003) como um tripé epistemológico.

> Necessitamos de uma mudança, de uma reforma do pensamento que necessita, evidentemente, de uma reforma do ensino. Há uma inteira dependência e nessa interdependência nos tornamos, também, a possibilidade de relacionar as partes ao todo e o todo a nós. (MORIN, 2000, p. 33).

Reformar o pensamento para Morin (2000), compromete-nos a despertar estratégias de um ensinar pensante, conduzido pelo posicionamento do ser como o agente ativo no processo de conhecer. Um caminho de reflexões oriundas nas mais diversas realidades, reconhecido pela multidimensionalidade, as ambiguidades e as incertezas que estão envoltos por uma complementaridade entre semelhanças e contradições, considerando a permissão de vozes oriundas em diversos níveis de realidade, denominando assim, um pensar complexo com atitudes transdisciplinares.

Este pensamento complexo concebe a realidade em constante movimento, ou seja nada

é imóvel, estagnado, parado, tudo é articulado em processos de auto-organização, uma sucessão de situações que são infindáveis e se constroem e se reconstroem à medida em que geram novos padrões organizacionais, novas emergências e estados de transcendência (MORAES, 2015b), sendo a epistemologia da complexidade um elemento que constitui a fonte criadora da transdisciplinaridade.

Segundo Moraes (2015) o conhecimento transdisciplinar é um produto de tessitura complexa, dialógica e autoeco-organizadora, estabelecendo a correspondência entre o mundo exterior do objeto e o mundo interior do sujeito, ou seja as interações ocorrentes entre os níveis de percepção e de consciência do sujeito e os níveis fenomenológicos que representam os objetos. Pensar a educação nestes termos é ultrapassar a compreensão reducionista dos conhecimentos, como se um único campo disciplinar fosse capaz de oferecer as sustentações necessárias para abranger a realidade e formar o pensamento necessário para o mundo contemporâneo. Mesmo que saberes disciplinares sejam relevante, é preciso transcendê-los.

A abordagem transdisciplinar exerce um caráter operacionalizador de um axiomática comum a um conjunto de disciplinas (APOSTEL e col. 1943, p. 24 apud SANTOS e SOMMERMAN et al. 2014). Abre-se para um diálogo entre os saberes, partindo de um conhecimento disciplinar, que por sua vez vai se integrando a outras disciplinas e assim dialogando e reconhecendo e agregando outros vínculos, sendo este um diferencial da abordagem, retratando visões da natureza da realidade como aborda Nicolescu (1999):

> A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que as articulam entre si; e ela nos oferece uma nova visão da natureza da realidade. A transdisciplinaridade não busca o domínio, mas abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

A transdisciplinaridade tem como objeto a complexidade do ser humano e o mundo que o cerca, portanto há dificuldade em abrigar caminhos separatistas, ao passo que traduz um corpus de pensamento, uma abordagem revelada em atitudes, um processo metodológico que complementa a pesquisa pluri e interdisciplinar, constituindo-se em um núcleo comum que perpassa várias disciplinas, uma arte científica que desvela-se como pontes, transgressão e transfiguração (NICOLESCU, 1999). Inserir um viés transdisciplinar na educação corresponde a valorizar o ser humano e a necessidade de processos educativos atentos à emoção e à razão, à corporeidade e ao intelecto, à subjetividade e às relações sociais. Ou seja,

trata-se de potencializar o desenvolvimento humano em cada sujeito.

A busca pelo pensamento complexo e transdisciplinar, reforça a ideia que os paradigmas são crenças, valores que explicam um sistema global, um pensamento que articula formas de política, arte e saber, inter-relacionando o pensamento humano, das organizações e a sociedade, respeitando a subjetividade humana dentro de um contexto social diverso. Para Morin (2001, p. 55) "a educação do futuro deve ser responsável para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade." Estes pensamentos remontam teorias provisórias que vão se desenvolvendo e inspirando pensadores e teóricos através da história, no fazer ciência com proposições reformuláveis. Também caracterizam os métodos que se utilizam ao investigar ou problematizar a pesquisa, que por sua vez transforma em um processo de construção e reconstrução subjetiva, advindo de uma não neutralidade, com vistas à uma rigorosidade científica.

Diante do exposto, percebemos a necessidade de uma formação junto ao docente respaldada em caminhos metodológicos, epistemológicos e ontológicos que compreendam o Pensamento complexo e a Transdisciplinaridade, pois acreditamos que a identidade profissional do educador se faz contextualizada nos âmbitos sociais que ele vivencia. O ser professor é construído com diferentes espaços de tempo, onde estão intimamente ligadas com as questões sociais, políticas e econômicas, e também as suas percepções, concepções que são geradas no desenvolver da carreira e da vivência como aluno. A articulação da conjuntura social e pessoal fazem com que sua prática receba significados e dimensões diferenciadas.

O docente em ambientes com pensamentos complexos e transdisciplinares

A didática transdisciplinar, como ponto de partida fundamentada em uma razão sensível, busca edificar o processo de ensino e aprendizagem, atento ao sujeito e a articulação da formação crítica, reflexiva e auto reflexiva com percepções históricas, sociais, culturais, à alcançar transições e inovações no processo educacional.

Apoiamos em Suanno M. (2015) quando argumenta que inovar com construções de novas ações docentes, a partir dos fundamentos da complexidade e da transdisciplinaridade na contemporaneidade, estaria em possibilitar caminhos na educação que visem novas

finalidades, como inovações emergentes do trabalho docente justificado pela compreensão de estarmos no início do século XXI, em um contexto de transição paradigmática.

A questão educacional para Suanno M. (2015) deve ser pautada no desenvolvimento de projetos e experiências educacionais que assegurem processos dialógicos, criativos, aliados ao pensamento complexo e transdisciplinar, com atitudes questionadoras, contribuindo para que o sujeito ativo do seu conhecimento aprenda a contextualizar a realidade, reconhecendo e dialogando com a multiplicidade de olhares e perspectivas para lidar com a incerteza do conhecimento e da realidade.

O docente transdisciplinar assume uma missão de pesquisador, instigando seus alunos a buscarem essa postura. Os questionamentos devem ser emergidos no processo educacional, de tal forma que a religação dos saberes impulsionem-nas para possíveis respostas e quem sabe a abertura de mais perguntas. Cabe a esse profissional revisionar as práticas pedagógicas redutoras do conhecimento à construir novas formas de cognição que permitam o enfrentamento às incertezas e às interrogações deste início de século e milênio.

Tomando como referência o conceito de transdisciplinaridade desenvolvido por Nicolescu (2009, p. 15): “A transdisciplinaridade, como o prefixo trans indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de qualquer disciplina”, entendemos que buscar práticas pedagógicas transdisciplinares é reconhecer o termo “ir além” proposto pelo autor, com um significado em mobilizar um aprofundamento aos limites do conhecimento, de tal forma que possamos compreender a complexidade dos fatos, para assim discutir a emergência cultural na contemporaneidade.

Ainda assim percebemos o ir além, sem uma pretensão de ir em frente e fazer mais, como uma modo produtivo da palavra, mas um desafio de ampliação entre diálogos de diversos conhecimentos, estabelecendo outras relações entre os sujeitos a fim de que a noção de desenvolvimento de competências docentes possa ser complexificada e ressignificada. Por isso vemos a necessidade de uma ação frente a formação docente que aproxime de propostas epistemológicas, metodológicas e ontológicas respaldadas no pensamento complexo e transdisciplinar, como uma abertura ao conhecimento produzido fora do campo das disciplinas ao encontro com outros saberes, alicerçados por questionamentos entre eles, e assim produzam a possibilidade do ir além, nesse movimento da atitude transdisciplinar.

Diante do exposto, compreendemos que precisamos ressignificar nosso pensamento e nossa interpretação das palavras, inovar para ir além e alcançar novas posturas, sem que a velha seja desmerecida, mas que seja ressignificada um novo olhar. Por isso, o caminho de oportunizar propostas complexas e transdisciplinares dentro de um programa que vise a formação deste profissional, caminhe entre obstáculos e desafios. Estes anunciados por Boaventura de Souza Santos, que revela:

> Numa sociedade cuja quantidade e qualidade de vida, assenta em configurações cada vez mais complexas de saberes, a legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades, hoje ditas e se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino (SANTOS, p. 200, 2001).

O autor aponta para um meio acadêmico que acolha um caminho diverso, considerando a contribuição das disciplinas em ir além e renovar com metodologias diversas, propondo uma nova ordem, mais complexa e, portanto, adequada à realidade, eliminando a competição e recantos de poder. Santos (2001) também considera a organização de uma produção de pensamentos que se traduzam em um reconhecimento e uma integração de saberes oriundos de diferentes perspectivas teóricas, correntes, escolas e tendências dentro das disciplinas e outras fontes de saber não reconhecidas academicamente, como as tradições míticas, filosóficas, religiosas, artísticas, bem como, o saber popular. Trata-se de pensar processos de formação docente que impliquem no diálogo entre distintos modos de saber e diferentes saberes, integrando seus sujeitos produtores e diferentes metodologias.

Ante o exposto, precisamos considerar mudanças na própria sala de aula e no processo de ensino e aprendizagem. Uma questão composta de um grande desafio que se impõe à universidade, é a formação integral daqueles que buscam na academia a sua capacitação para o exercício profissional. A superação tecno-científica desses profissionais é um ponto importante, pois a formação recebida deve ultrapassar os mundos de suas especialidades e criar pontes que permitam transitar em outros saberes e exigir a presença de um profissional humanamente integrado. A formação humanística abre os horizontes dos entendimentos especializados para uma compreensão mais ampla de comprometimento com o ser humano, enquanto tal, para as exigências éticas da realidade vivida.

O conhecimento requer processos de construção e reconstrução mediante a ação do sujeito sobre o ambiente como um processo recursivo do pensamento complexo, isto é, por meio das relações interativa e dialógica entre aluno, professor e ambiente, a realidade é ampliada e reconstruída em movimentos constantes, apontando para um ensino e uma aprendizagem viva de significações. Assim, aluno e professor são participativos, ativos, criativos, dotados de inteligências múltiplas, tendo como ênfase a visão global da pessoa.

Neste contexto, pode-se considerar que o novo pensamento, ou uma reforma desse se propõe a encontrar espaços para dar respostas mais relevantes para os problemas da humanidade e da própria vida. Na natureza, tudo é cíclico, assim, cabe refletir que o movimento natural de entropia no universo pode gerar a crise e o caos, mas ao passo que trabalhamos por ações ecologizantes, nos permite rever, rediscutir e construir novas possibilidades, com o intuito de ir além na busca de elementos que tentam aproximar da inteireza e o complexo da vida.

A nova reorganização busca restituir ao homem e, por sua vez, a natureza, o que foi perdido com o pensamento reducionista frente um capitalismo acelerado, organizado em globalização descomedida. A integralidade humana aproxima o meio do humano e da coletividade, na proposição de processos que incluam a sustentabilidade do planeta. Neste contexto, a Educação precisa resgatar a relação entre a intuição, a razão, a espiritualidade e o científico, propondo um ensino e aprendizagem que leve à produção de conhecimento autônomo, crítico e reflexivo e a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, fraterna e solidária.

Além dessa formação humanística devemos resgatar o conhecimento estético cultural, ou seja, ampliar sob os diferentes olhares a arte cênica, a literatura, a poesia, os movimentos artísticos, uma ampliação estético cultural paralela à formação docente. Suanno M. (2015) entende que essa ideia levanta a oportunidade de entrar em contato com outras culturas e ampliar a reflexão dessas, considerando, assim, uma estratégia de formação integradora.

O movimento estético cultural não só reconhece a multidimensionalidade humana, mas aproxima do que chamamos de humano, de tal forma que aponta para os níveis de realidade que compreende a humanidade. Ou seja, buscar conhecer culturas, movimentos culturais, arte, aproxima de uma investigação que aponta como nós, humanos, criamos a

relação entre pensamento e ação ecoados no meio em que vivemos. O ato de visitar outras culturas, abstrair a essência de uma arte cênica, ou uma pintura, poesia, nos apresenta e diz quem somos e qual é o pensamento que produzimos. Assim, notamos que a formação docente precisa ultrapassar o tradicional campo acadêmico e incluir atividades de imersão estética e cultural sistemáticas e assistemáticas, promovidas pelas instituições ou buscadas pelos próprios sujeitos em formação.

Por último, queremos apontar que esse profissional antes de tudo deve encontrar-se aberto e flexível para essa mudança paradigmática, de tal forma que consciente busque uma autocrítica constante, pois suas ações envolvem liberdade de maneira responsável, reconhecendo a dignidade que envolve as outras pessoas. É preciso compreender que uma formação pode aproximar de teorias, mas não necessariamente envolver mudanças. Essas encontram na disposição pessoal de ampliar pensamentos anteriores. Portanto, abraçar esse pensamento envolve atitude, esse profissional além de auto realizar, promove a auto realização daqueles que o circundam, pois entende que os outros realizarão igualmente num grande coletivo onde ele está incluso.

Aliado a consciência de suas ações, está a competência como algo fundamental para esse profissional, aliás, ele buscará ser profundamente competente, na medida da sua consciência. Mas uma vez o significado de uma palavra aqui usada-competente- assume uma posição não produtiva, mas uma leitura de ter o conhecimento suficiente para proporcionar um serviço com êxito e segurança, buscando aprofundar com o auxílio de outros conhecimentos, quando busca soluções e reconhece que não podemos ter uma única visão da realidade.

A consciência e a competência pode trazer o alcance da solidariedade, um profissional consciente e competente que é capaz de sentir com, sofrer com, ser solidário com ou outro e suas necessidades, pois sente-se parte desse coletivo e busca o seu melhor. Um profissional sensível, cuidador e ao mesmo tempo corresponsável à necessidade do outro. Movimentos que trazem uma profundo compromisso com a realidade, com a vida, com a humanidade e com a sustentabilidade, um profissional planetário, compromissado, busca com criatividade, novas possibilidades para todos, partindo de uma visão crítica com relação a tudo o que mutila e estraga a sociedade humana e o meio ambiente.

Finalizando sem concluir

Pretendemos aqui, aproximar de discussões em torno dos desafios em espaços formativos que visem buscar o que Morin propõe para a reformar da educação à abertura para novas mudanças no pensamento, um pensar em educação, apoiado numa visão paradigmática da complexidade.

Até o momento consideramos o resgate pleno do ser humano imprescindível no processo educativo. O docente deve "reconhecer o processo de aprendizagem complexa, que envolve no ensino os aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, estéticos, culturais, sociais e espirituais, entre outros" (BEHRENS e OLIARI, 2007, p. 64).

Com efeito, a educação transdisciplinar, por sua própria natureza, deve efetuar-se não apenas nas instituições de ensino da escola maternal à Universidade, mas também ao longo de toda a vida e em todos os lugares em que vivemos, pois consideramos que ao pensar complexo envolvemos uma atitude transdisciplinar, seja ela realizada em cada momento da vida humana, com uma consciência que busque a competência profissional constante para inovar. A educação balizada pelo pensar complexo e transdisciplinar ultrapassa muros institucionais e articula as vidas das pessoas, humanizando-as.

Diante disso, a docência transdisciplinar requer do educador um alto grau de percepção e de consciência da realidade. Moraes (2007, p. 36) propõe que "é necessário competência teórica, clareza epistemológica e metodológica e uma consciência transdisciplinar" para responder aos grandes desafios da sociedade atual. A formação docente pode ser um espaço de transição para caminhar nesta direção, uma consciência transdisciplinar que o leve à percepção da complexidade dos processos e o lado construtivo e criativo da produção do conhecimento, com o intuito de melhor compreender a dinâmica da realidade.

Referências

BEHRENS, Marilda Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza Thomé. **A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade.** Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 8.

reimpressão. São Paulo: EPU, 2004.

MORAES, Maria Cândida. **A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade**. Diálogo Educacional, n.22, p.13-38, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação:** Fundamentos ontológicos e epistemológicos. Colaboração de Juan Miguel Batalloso. Campinas, SP: Papirus, 2015.

MORIN, Edgar. **Desafios da Transdisciplinaridade e da Complexidade**. In. AUDY, J.L.N.; 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

SANTOS, Boaventura. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC.** Plano Nacional de Extensão. (Edição Atualizada, 2000/2001).

SANTOS, Akiko; SOMMERMAN, Américo. **Ensino disciplinar e transdisciplinar:** uma coexistência necessária. Rio de Janeiro: WAK, 2014.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade.** Tese de Doutorado em Educação. Universidade Católica de Brasília, UCB, Brasília, 2015.